

A resistência às dores da abstração

Rodrigo Fonseca Fernandes
Fernanda da Silva Ribeiro

A última obra de Dietmar Kamper (1936-2001), pensador alemão voltado à sociologia do corpo vivo, é um convite à embriaguez. Um estímulo ao contato com a experiência paradoxal entre vida e morte, entre corpo e imagem, entre perfeição e vincos, entre pôr do sol e seu renascimento. A reflexão poética, preservada na tradução ou “transcrição” de Danielle Naves de Oliveira, dá o tom de *Mudança de horizonte*, obra que retoma algumas das principais noções da trajetória do autor, como corpo, tempo, excesso de imagens, presença, crítica à virtualidade, à era das máquinas e à crescente homogeneização dos seres humanos.

Importante autor na área da antropologia histórica e da comunicação, Kamper aposta na resistência ao pensamento moderno como condição fundamental para compreensão da vida nas sociedades contemporâneas. Denuncia que a supremacia do olhar e das técnicas como fabricantes de conhecimento são reflexos da vitória da imagem sobre o corpo. É assim que o autor vai nos provocar a mudar o horizonte, percebendo nas aporias e na percepção corporal as complexidades que nos fazem tão fascinantes.

A partir de um texto filosófico e não linear, Kamper oferece a possibilidade de se abrir uma fissura na existência para refletir sobre a possibilidade da mudança de horizonte. Dessa forma, os capítulos 1, 2, 4 e 5 – “Abstrações do corpo”, “Olhar e violência”, “A norma deturpada da antropologia” e “Antinarciso” – revelam a crítica do autor sobre a ausência do corpo, a ferocidade das imagens sobre o homem, a monstruosidade da perfectibilidade e a dor de um coração partido como condições *sine qua non* para um horizonte transformado.

Mudança de horizonte: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas...

Dietmar Kamper

São Paulo: Paulus,
2016, 242 p.



Na primeira parte, em “Abstrações do corpo”, o autor reforça a ideia da sobreposição das máquinas sobre o homem e aponta que a técnica tem substituído substancialmente o estado metafórico do homem. A subjetividade, segundo Kamper, é substituída por imagens prontas, assim como o corpo, que é deslocado para um conjunto de imagens superficiais.

O autor cita uma performática palestra do filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920-1991), realizada em Berlim, que permitiu ao público perceber, através de um conjunto de gestos, que o corpo está submetido a uma “escalada da abstração”. Trata-se de um processo histórico em que as técnicas subtraem as dimensões do corpo e do ambiente, substituindo-os por imagens, linhas, pontos e, finalmente, pelo nada dos números e algoritmos. Kamper mostra que cada vez mais os homens utilizam as imagens para se relacionar com o mundo deixando de se relacionar com o outro e com o ambiente de forma presencial. O quadrado

antropológico proposto por ele apresenta a relação existente entre o que é presentificado e o que é virtualizado, comparando as dimensões corpo-espço, imagem-superfície, escrita-linha e tempo-ponto. As caixas pretas – máquinas técnicas reprodutoras de imagens – passam a fazer a mediação do homem com o mundo, abstraindo cada vez mais a presença do corpo.

Ao apontar o inebriamento do olhar no segundo capítulo, “Olhar e violência”, o autor desvela a substituição intensa das imagens sobre a vida. A exaustiva representação visual como substituta das relações, dos corpos e dos vínculos, acaba por sedar os homens, fazendo-os acreditar que o que não é visível é mais importante do que o que é. “Imagem não substitui o corpo”, afirma Kamper. Este, precisa de toque, de troca física e de presença. Assim, num mundo onde as imagens se pasteurizam, o olhar torna-se apático e não enxerga mais; apenas vê.

Em “A norma deturpada da antropologia”, o autor traz a perspectiva do homem *monstrum*, indicando que o *homo natura* foi substituído pelo *homo máquina*: incorrigível, previsível e programado. A perfectibilidade, no entanto, é inimiga do humano e é aí que a monstruosidade se mostra. “É como se a perfectibilidade tivesse agora de ser incondicionalmente aplicada a toda a espécie” (p. 152).

No entanto, *ser humano* é justamente *ser complexo*. Em contraponto à ciência da perfeição, Kamper propõe a fenomenologia da imperfeição, onde o ser incompleto se faz presente e necessário contrariando o desejo de perfeição dado pela sociedade mecanizada e midiaticizada.

Sair da adoração de *si mesmo* e da projeção do meu amor sobre mim no outro é a temática do último capítulo, “Antinarciso”. Segundo o sociólogo alemão, “Somente o coração partido é suficientemente forte para experimentar a própria mortalidade” (p. 218). O amor à primeira vista fantasiado pelos meios de comunicação, mostra-se estúpido e ridículo, pois é irreal. Por isso, Kamper

nos mostra que é preciso quebrar o espelho e se confrontar com os monstros da imperfeição e do desconhecido que existem em nós, rompendo a adoração de Narciso, para, então, juntar-se ao outro em sua inteireza.

No capítulo 3, por fim, “Nada de novo sob sol, mas o sol novo a cada dia”, o autor faz questão de mostrar a virada de chave do pensamento e enfatiza a conjunção adversativa “mas” como fundante da mudança de horizonte. Dessa maneira, o autor nos empurra a pensar contra o próprio pensamento, revendo-os e reformulando-os de tal forma que eles alarguem a fissura e nos façam enxergar diferente. Quem consegue, ao menos uma vez, ouvir a abertura do “mas”, sabe o que significa respirar quando se fala e se pensa (p. 110).

Dessa maneira, durante toda a obra Kamper nos convida a sair do lugar comum e nos confrontar com a complexidade e a quebra da linearidade literária. Pega-nos pela mão e nos desafia a não nos envolver num horizonte de entendimento já dado, mas sim num novo horizonte possível, aquele que contempla o universo ferido. Esse é o olhar que se fecha ao anoitecer para conversar com os demônios e acorda no outro dia olhando o sol, não apesar desses demônios, mas junto com eles. Perceber o mundo renovado a cada nascer de sol é ver sempre o mesmo mundo, mas com olhar diferente. Por isso, o autor reforça a necessidade da embriaguez, do incômodo, do estranhamento no processo de mudança de horizonte, por exemplo, do ver para o ouvir, do “ângulo de vista para o ângulo de escuta” (p. 113). Uma viagem vertiginosa, porém, intensa.

Rodrigo Fonseca Fernandes é doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
E-mail: rfonsecafernandes@gmail.com

Fernanda da Silva Ribeiro é mestrande no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.
E-mail: fasilvaribeiro@gmail.com